

CADEIRA N.º 6

Patrono: Antônio Pompeu

Vaga: Falecimento de Tomás Pompeu Sobrinho

Recipiendo: Cândida Maria Santiago Galeno

Recip: endário: Francisco Alves

Data da posse: 21 de novembro de 1970

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE E CASTRO. Nasceu na cidade de Mombaça, em 21 de novembro de 1913. Filho de José Alves de Castro e Raimunda Paes de Castro. Diplomado pela Escola de Agronomia do Ceará, em 1938, e pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1942. Professor, zootecnista, sociólogo, poeta. Além de vários altos cargos técnicos federais, ocupou o de Secretário de Agricultura, Viação e Obras Públicas do Ceará. Autor de muitas publicações, entre estas *O Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil* (estudo sobre Juvenal Galeno, 1950); *Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste* (1960); *Tomás Pompeu e o seu Tempo* (1947); *Escola Rural e Pecuária* (1963); *Estudo de Zootecnia Regional* (1950); *A Reforma Agrária no Polígono das Secas* (1959); *Renato Braga* (1969); *Ensaio de Sociologia Rural* (1973); *Saga dos Serões de Mombaça* (1975); *Geografia Ativa do Pastoreio* (1976).

Cândida Maria Santiago Galeno

Estava-se em 1938.

No Teatro José de Alencar colavam grau os Engenheiros-Agrônomos. Era orador da turma, que tinha como legenda — “Estudaremos o Nordeste” — Francisco Alves de Andrade e Castro.

Discurso bem escrito, pronunciado com vigor, causou sensação.

Finda a solenidade, uma figura de mulher destacou-se da multidão para cumprimentar o orador e vaticinar-lhe promissor futuro nas letras.

Essa mulher era Henriqueta Galeno e o seu vaticínio cumpriu-se realmente.

Trinta e dois anos são decorridos daquela festa e Henriqueta já está do outro lado da vida. Na sua ausência aqui estou eu, com muita honra e grande desvanecimento, para receber em nome da Academia Cearense de Letras o novo imortal, que ocupará a Cadeira nº 6, que tem como Patrono Antônio Pompeu, como Fundador Álvaro de Alencar e último ocupante Tomás Pompeu Sobrinho.

Cabe-me essa prerrogativa em face dos liames que prendem o novo Acadêmico à família constituída pelos que mourejam na Casa de Juvenal Galeno, de que o Prof. Francisco Alves de Andrade e Castro é um dos elementos de maior valor cultural e humano.

Nascido no Sítio Recreio, do Município de Mombaça, Ceará, filho de José Alves de Castro e D. Raimunda Paes de Castro, agricultores nos sertões dos Inhamuns, estudastes as primeiras letras em vossa cidade natal, estando aqui presente a Professora Laura de Alencar Freitas que, juntamente com D. Ananias Amaral Militão, despertaram em vós o gosto para escrever.

Seguindo uma tradição de família, viestes para o Seminário Arquiepiscopal de Fortaleza, onde cursastes preparatórios, letras clássicas e Filosofia, de 1927 a 1933. Em 1934 ingressastes na Escola de Agronomia do Ceará, colando grau em 1938.

Considerando-vos descendente de vaqueiros e sertanistas dos altos sertões do Nordeste, vindo do Clã dos Inhamuns, como os Pompeus vieram do Clã de Santa Quitéria, como Engenheiro-Agrônomo Chefe de Zona do Departamento de Terras e Colonização do Estado do Ceará iniciastes-vos na profissão demarcando terras nos sertões de Mombaça e tomando contato direto com a vida rural cearense e seus problemas de estrutura agrária.

Matriculastes-vos, depois, na Faculdade de Direito do Ceará, em 1937, bacharelado-vos em 1942 em Ciências Jurídicas e Sociais.

Os conhecimentos de Direito e Agronomia, a vivência com os problemas da terra e do homem nos sertões, o contato com mestres como Renato Braga, Pompeu Sobrinho e outros ensinaram-vos a geoponia cearense — a problemática agrária do Nordeste, induzindo-vos a refletir em sentido humanista sobre a problemática regional — sois um dos agrônomos cearenses que mais escreveu sobre o Nordeste: senão vejamos os vossos trabalhos: *Subsídios para o Estudo dos Usos e Costumes do Nordeste* (1947); *Tomás Pompeu e o Seu Tempo* (1947); *Como Nasceu a Indústria da Oiticica no Ceará* (1948); *O Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil* (1949); *A Reforma Agrária no Polígono das Secas* (1959); *Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste* (1960); *Agronomia e Humanismo* (Prêmio Clóvis Beviláqua, da Universidade do Ceará, 1957); *In Memoriam de Renato Braga* (1969); *A Propriedade Rural no Polígono das Secas* (1954); *Estudos de Zootecnia Regional* (1942); *A Integração do Ensino das Ciências Agrárias na Universidade Brasileira Moderna* (1970); *Estrutura Agrária no Ceará* (1964); *A Escola Rural e a Pecuária* (1946); *O Instituto do Nordeste e a Emancipação Econômica da Região* (1959); *Três Humanistas do Instituto do Ceará* (1969); *Jeca Tatu de Monteiro Lobato e Mané Xiquexique de Ildefonso Albano* (1969).

Esses são apenas dezesseis dos duzentos e cinqüenta e dois trabalhos que publicastes e, a considerar pelos temas estudados, não vos afastastes até hoje daquela legenda de 1938 — estudar o Nordeste tem sido norma constante em vossa vida de homem de letras e de cultura.

A respeito de *Reforma Agrária no Polígono das Secas*, escrito e publicado ao calor dos debates na SUDENE e a partir do qual manteve o Professor Francisco Alves na imprensa cearense aceso debate, disse em importante editorial, de 19 de novembro de 1959, o nosso Presidente Eduardo Campos:

“O livro de F. Alves de Andrade, nesta atual conjuntura, é uma bandeira sendo varrida pela tempestade. Está de pé como um protesto, como uma demonstração de que o Ceará, sem mandar os seus filhos estudarem em Londres ou em Paris, pode formar inteligências bem desenvolvidas. Mas, de qual-

quer maneira, há de valer o seu esforço, sua dedicação de homem simplesmente interessado em defender um projeto de justiça, e procurar, não como um reacionário, mas como um assessor mais prevenido, nortear um problema que deve ser estudado e discutido em todos os detalhes.”

As relações de amizade mantidas com Renato Braga, de saudosa memória, a quem Francisco Alves, segundo confessa em seus estudos, deve singular e benéfica influência em sua vida de agrônomo e escritor de temas regionais, levaram-no a escrever o seu mais recente livro, *Renato Braga, In Memoriam*, subsídios para a História da Cultura no Nordeste.

Fê-lo como uma homenagem ao seu querido professor e amigo e à guisa de estudo destinado a servir de subsídio à História da Cultura. O ex-Presidente desta Academia de Letras, escritor de recursos naturais, avulta como o consolidador do ensino agrônômico no Ceará. Ressaltemos o trecho do ensaio biobibliográfico em que o recipiendário de hoje indica a influência do Mestre em sua formação:

“Aluno que fui do eminente biografado, senti, desde o início, que ele procurava sempre objetivar a doutrina científica no quadro das condições existentes, peculiares ao Nordeste seco. Chamava-nos a atenção para a história e geografia da região, que abordava como temas introdutórios da matéria que ensinava — a Zootecnia... Suas aulas, comunicadas numa palavra colorida, porém simples e rica de observações próprias, guindava-nos ao essencial, à problemática que indicava como sempre dependente da observação e da experimentação.

Devo-lhe o impulso e a orientação inicial, para que me dedicasse, pelo resto da vida, aos estudos regionais.”

Formando um círculo mais vasto, que abriga várias gerações, salta aos olhos uma plêiade de romancistas, poetas, ensaístas de temas literários, que formam a corrente dos que se voltaram para as belas letras, mas sempre vivendo a preocupação telúrica do humanismo salutar.

Há um vigor profético deste humanismo a partir de Juvenal Galeno, que procurastes estudar, buscando novos aspectos, quando produzistes um dos vossos primeiros ensaios

de literatura, sob a epígrafe de *O Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil*.

Mais tarde, por ocasião do centenário do aparecimento de *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno, aprimorastes aquele conhecimento na Introdução da 3ª edição deste livro.

“Juvenal Galeno, escreveis, então, muito contribuiu e em primeira linha, para enriquecer o folclore nacional. É no sentido amplo de entender-se o que há de folclore, que deveremos ter a sua atividade de pioneiro, pois outra não poderia ser a atitude sensata em relação ao seu tempo. Não podemos julgá-lo com os conceitos restritos do presente, mas devemos reconhecê-lo na medida de como alteou-se e sem rival no momento histórico em que partiu para o desbravamento de um setor ainda virgem.”

Juvenal Galeno tem sido alvo predileto dos vossos estudos acurados: levando em consideração os antecedentes históricos que indicam três grandes méritos no consagrado patriarca da poesia popular, assim proclamais:

“1º) Ele representa o ponto de partida do viver literário em sua terra, fixado em 1856, com a publicação de seu livro *Prelúdios Poéticos*, por isso considerado o fundador das letras cearenses; 2º) Teve o mérito de implantar no Ceará o verdadeiro nativismo, dando-lhe exemplo de expressão autonômica, sendo o iniciador de um movimento essencialmente nacionalista, revolucionário e construtor; 3º) Foi o nosso primeiro folclorista, como precursor, pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil.”

Outro ensaio literário elaborado por vós no sentido de dar a conhecer a natureza humanista na obra dos escritores cearenses, é a monumental introdução que escrevestes para a terceira edição do livro *Jeca Tatu e Mané Xiquexique*, de Ildefonso Albano.

O humanismo telúrico dos escritores do Nordeste, dizeis, tem em Ildefonso Albano um dos mais genuínos representantes. Traçais então um paralelo entre os dois símbolos — o *Jeca* de Monteiro Lobato e o *Mané Xiquexique* de Ildefonso,

para mostrar o que chamais “uma dialética de tipos humanos”. Descobris um texto de Daniel D. Vidart, sociólogo uruguaio, que apontou a importância das duas personagens, “que representam, na literatura brasileira, latitudes morais do homem da terra a dentro”.

“Mané Xiquexique é o cacto dos sertões. As secas não o vencem. Como o xerofilismo que surge das chuvas escassas e irregulares, do solo raso, do calor intenso, ele aprendeu a resistir e a vencer as condições difíceis e hostis. Arranca das plantas bárbaras o alimento de que se nutre no tempo da escassez. Não só para o homem, mas para os animais, o xiquexique, a macambira, a mucunã e a palma forrageira, que se cultiva, são recursos na luta contra a fome do sertanejo e dos rebanhos.”

Assinalastes a luta de Monteiro Lobato pela realidade contra a idealidade do pensamento literário no Brasil, ao passo que o cearense Ildefonso Albano, opondo-lhe um novo símbolo, mostrava que o artista, em sua paixão reformista, excedera-se, deformando o objeto. “Esqueceu, vilipendiou *Humanitas*”:

“Ildefonso, considerou *Humanitas* no ser, cujos valores antropológicos gritavam para o observador. Opôs fatos ao impressionismo de falsos argumentos. Julgava ser isto necessário no momento em que a burguesia urbana nascente clamava por mão de obra barata para as suas fábricas.” E conclui, em busca de sínteses: “Na crise nacional, que é também o espelho da grande crise universal, as duas idéias revivem. Os dois símbolos se cruzam e se tocam. *Jeca Tatu* é o irmão que o Brasil esqueceu, talvez pensando que, no incomensurável rincão brasileiro, de recursos mil, inexplorados, ele tudo fizesse sem assistência educacional, sem apoio organizacional da ciência e da tecnologia. *Mané Xiquexique* é o irmão que o Brasil precisa encontrar e descobrir na sua capacidade natural de trabalho, na sua lida operacional, carecido de uma compreensão, de política de desenvolvimento para a sua libertação.”

Eis um exemplo de análise interpretativa, tendo em vista indicar o humanismo telúrico de um dos escritores que se integra no grupo dos que produziram escritos geopônicos de lúcida compreensão.

Como poeta não vos afastastes desta nova espécie de humanismo contemporâneo que se revela em uma constante preocupação em torno da terra e do homem sofrido da região. Avulta com estas idéias uma estirpe que vem desde o Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil e Tomás Pompeu de Sousa **Brasil Filho**, que deram cunho geográfico e técnico a seus escritos. Palmilharam outros o mesmo caminho, estendendo a faixa dos seus estudos até os modernos escritores que cuidaram da problemática cearense em termos de desenvolvimento econômico e social.

A terra, o Nordeste seco, com toda a sua problemática insolúvel, continua sendo o tema principal da vossa lira, como nessa "Saudação do Líder Rural à Bandeira":

*Teus são os nossos campos estorricados,
tostados de sol,
campos que o fogo deixou
na incerteza das águas que não vêm,
ou varridos de surpresa
pelas chuvas torrenciais, tempestuosas,
que levam para o nada. . .
Teus são os claros sem fim
das matas devastadas,
dos solos calcinados,
erodidos,
as fazendas abandonadas,
sem crédito,
sem máquinas,
sem adubo,
sem os diligentes,
sem os instruídos!*

*Teus são os braços que trabalham despidos,
os pés que andam descalços no pedregulho,
as mãos que colhem a flor e o fruto
entre os espinhos...*

*Teus, os vales secos,
frente aos açudes cheios de água,
cansados de esperar pelos canais,
pelos drenos e terraplanagem,
pela distribuição racional
das águas armazenadas para a irrigação...*

*Teus, os carnaubais farfalhantes,
superexplorados e sem indústria,
os cajueiros golpeados e mudos,
as oiticicas que dormem
à margem dos rios secos,
sem defesa e sem tecnologia...*

*Teu, o nosso algodão,
ouro branco que não cobre a terra,
deixando pobres os campos,
ricas as cidades,
ricos apenas homens
que exploram os homens
que cultivam o algodão.*

*E os capulhos brancos nos escalvados,
cobrindo a terra — mãe velhinha,
cansada... esgotada,
lembram a passagem dos caçadores de lucros,
que levaram e venderam
por trinta dinheiros
as reservas sem defesa
e sem retorno,
dos recursos naturais...*

*Teu, o nosso gado faminto,
os gemidos dos bois
e os nossos gemidos:
das cidades sem carne,
das criancinhas sem leite,
dos que mendigam trabalho
e clamam por distribuição da renda
e humanização.*

*Os líderes dos sertões,
das serras e vales
e outros líderes
que sonham com a tua glória
pelos caminhos da terra
aos caminhos do mar,
levantar-se-ão contigo
num pensamento altivo de salvação!*

*Bandeira do Brasil,
desperta os teus profetas!
Ainda há consciências
e almas de poetas
que marcharão contigo
para a libertação!*

*Derrama sobre nós
e sobre os nossos filhos
o pólen verde-amarelo
fecundante das almas puras!
Inspira-nos o teu amor,
a intrepidez na luta
e no futuro da Pátria a confiança,
para que não se disperse
ou se acabe,
no afã dos negócios,
no tumultuar das ruas,
o ideal cívico*

*da juventude nacional...
Transforma em madrugadas
todas as noites sombrias,
"Estandarte que, à luz do sol, encerras
as promessas divinas da esperança."*

E até quando falais da morte e pensais no fim, ainda é um homem profundamente vinculado à terra que vamos encontrar nesse vosso *In Aeternum*:

*Quando eu morrer
e voltar ao seio da terra amiga,
não quero túmulo,
nem epitáfios em lousa fria...*

*Plantem uma árvore sobre o meu jazigo!
E que as cinzas do meu corpo
sirvam a suas raízes de alimento!
E tudo o que era sangue,
correndo pelas veias,
batendo nas artérias
reviva em seiva!*

*Que a poeira dos sonhos desfeitos,
na aderência das lágrimas e humo,
forme solo fecundo
à exaltação da vida...*

*E homem que fui,
árvore que serei
da matéria vencida,
hei de crescer para o alto!
E, buscando sempre o sol,
bebendo a intensa luz,
estenderei meus ramos,
sorrindo para o azul infinito!*

*E todo o antigo amor,
ressurgindo das entranhas
do velho coração já morto,
subirá pelo tronco à fronde,
onde desabrocharão flores,
de onde penderão frutos...*

Ao receber-vos na Academia Cearense de Letras fazemos votos para que no nosso convívio desabrochem ainda em maior profusão e mais intensa fragrância as flores do vosso talento literário e sazonem os frutos da vossa cultura humanística.

Sede bem-vindo!